

## **CRÍTICA E HISTORICIDADE ACERCA DO PÓS-LIBERTAÇÃO COLONIAL NO ROMANCE *TERRA SONÂMBULA* DE MIA COUTO (MOÇAMBIQUE, 1975-1992)**

---

### **CRÍTICA E HISTORICIDAD ACERCA DEL POST-LIBERACIÓN COLONIAL EN LA NOVELA *TIERRA SONÁMBULA* DE MIA COUTO (MOZAMBIQUE, 1975-1992)**

**Marcos Vinicius Ribeiro Alvarenga\***

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo realizar uma reflexão acerca dos processos históricos referentes ao período de pós-libertação de Moçambique frente a Portugal (ocorrida em 1975), período, que compreende de 1976 até 1992 marcado por uma sangrenta guerra civil entre a Frente de Libertação de Moçambique - FRELIMO e a Resistência Nacional Moçambicana – RENAMO. Nessa proposta, analisaremos os elementos de crítica presente no romance “Terra Sonâmbula”, de Mia Couto, publicado em 1992, explorando assim o potencial de historicidade que esta obra é capaz de produzir acerca do período mencionado sem, contudo, deixar de levar em consideração o lugar do qual fala o autor e as implicações disso em sua escrita.

**Palavras-chave:** Terra Sonâmbula; Mia Couto; Moçambique; Crítica; Historicidade.

**RESUMEN:** En este artículo se pretende llevar a cabo una reflexión sobre los procesos históricos del período posterior a la liberación de Mozambique contra Portugal (celebrada en 1975), un periodo que comprende desde 1976 hasta 1992 marcada por una sangrienta guerra civil entre el Frente de Liberación Mozambique - FRELIMO y la Resistencia Nacional Moçambicana - RENAMO. En esta propuesta, analizaremos los elementos de crítica presentes en la novela "Tierra Sonámbula", de Mia Couto, publicada en 1992, explorando así el potencial de historicidad que esta obra es capaz de producir acerca del período mencionado sin, sin embargo, dejar de tener en cuenta el lugar del que habla el autor y las implicaciones de ello en su escritura.

**Palabras-clave:** Tierra Sonámbula; Mia Couto; Mozambique; Crítica; Historicidad.

O presente trabalho se propôs a realizar uma reflexão sintética sobre a República de Moçambique no período entre 1975 até 1992, quando recém-saída da Guerra de Independência (1964-1974) se envolve, momentos depois, em uma guerra civil que terá fim no ano de 1992. De um lado a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), um grupo que congregou diversos setores da antiga colônia na luta contra o colonizador, de orientação marxista e que assume o governo sob regime de partido único; do outro a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), um grupo que por outro lado congregou uma série de

---

\* Graduando em História pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Membro do Grupo de Estudos Africanos (GEA). Contato: maybe.marcos@gmail.com



insatisfeitos com o regime vigente. Trata-se de um período de quase 30 anos de guerras, que marcaram a experiência da construção da “nação moçambicana”.<sup>1</sup>

No entanto, a via de acesso a esse conflito a qual promovemos um exercício de problematização é a literatura, mais especificamente o romance de estreia do escritor António Emílio Leite Couto, de pseudônimo Mia Couto. *Terra Sonâmbula*, uma das obras mais premiadas de toda a literatura moçambicana, foi publicada justamente no ano de 1992 e escrita durante grande parte do confronto. Ele já havia publicado, em 1986, o conjunto de contos intitulado *Vozes Anoitecidas*, onde, de acordo com Flávia Renata Machado Paiani (2013a): “(...) seus contos e crônicas (entre 1986 e 1991) já contemplavam, em parte, os relatos que o autor ouvia, mas foi seu romance de estreia que os evidenciou sobremaneira”. (PAIANI, 2013a, p. 13)

Ainda de acordo com Paiani (2013b), em outro trabalho, a obra de Couto é uma clara alternativa a historiografia, ainda incipiente naquele contexto, trazendo à tona os silêncios que a sociedade moçambicana manifestava com o final do confronto armado entre FRELIMO e RENAMO. (PAIANI, 2013b, p. 207). Ele próprio um colaborador da FRELIMO, viajou o interior de Moçambique, ouvindo das chamadas “pessoas comuns” seus relatos, o que claramente se refletiu tanto em *Vozes Anoitecidas* como em *Terra Sonâmbula*.

Mais do que provar se os personagens desta obra são reais ou não, nossa análise procurará problematizar aspectos na literatura, que segundo Nicolau Sevcenko (1999) é uma forma de produção discursiva onde as tensões sociais emergem (SEVCENKO, 1999, p. 20). Nesse sentido, as representações erigidas por Couto, não estão destoadas de seu contexto vivido e muito possuem a dizer sobre ele. Tal como defendeu Roger Chartier, o elemento de representação não deve ser considerado algo a parte ao real e do social: ir por essa vereda seria empobrecedor para esses três elementos (CHARTIER, 2011, p. 23).

Campo daquilo do que “poderia ter ocorrido”, a literatura é uma via de acesso privilegiada a essas representações que trazem à tona os anseios e as expectativas de uma determinada sociedade. No caso de Mia Couto, veremos em sua escrita uma crítica implícita aos rumos da República de Moçambique: alguns de seus personagens são trapaceiros e corruptos, servindo como metáfora da realidade que visualizava naquele contexto.

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto dos resultados do projeto “Territórios descolonizados: dimensões históricas e sociais na produção ficcional dos escritores moçambicanos” sob orientação de Keith Valéria de Oliveira Barbosa. Tais resultados fazem parte da primeira fase da pesquisa, em que realizei um mapeamento e leitura das obras de Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa, a fim de detectar alguns elementos importantes na compreensão dos processos que se deram em Moçambique.



Sobre a literatura nos países africanos de língua oficial portuguesa, de acordo com a perspectiva apresentada por Josilene Silva Campos (2007), guardando as devidas especificidades, seu denominador comum, durante e após sua luta por independência política, foi a oposição ao colonizador lusitano (CAMPOS, 2007, p. 2-3). No que se refere ao caso moçambicano, no contexto da década de 1940 até a de 1970, haverá a preponderância da geração de José Craveirinha e Rui Nogar, preocupada em um primeiro momento na construção de uma “moçambicanidade” ao tempo em que se exaltavam os símbolos nacionais e a atuação da FRELIMO.<sup>2</sup>

A autora supracitada aponta para o elemento de historicidade que essas obras possuem, em um contexto histórico em que, em conformidade com o que disse Paiani (2013), a produção historiográfica feita por esses africanos desses países era ainda incipiente. Tal situação, para Campos, resolveu o problema de enunciação acerca de quem estava falando e sobre quem (CAMPOS, 2007, p. 3). Em outras palavras, trata-se de africanos e africanas falando de suas próprias trajetórias.

Tal arcabouço foi capaz de fazer um contraponto ao discurso do colonizador, que expressava aquilo que Mary Louise Pratt (1999) chamou como “os olhos do império”, para se referir as representações criadas pelos europeus acerca do continente africano e das américas. Romper com isso é sinônimo de partir para o que ela chama de uma “descolonização das mentes”, algo gradual e que não se consegue com a simples independência política (PRATT, 1999, p. 16). Diante de uma história que não te agrada, como bem disse o escritor nigeriano Chinua Achebe, faz-se necessário erigir uma outra em prol de um “saber descolonizado” capaz de dar conta de sujeitos históricos que fogem a lógica cartesiana do europeu (ACHEBE, 2013 apud MORTARI; GOMES, 2016, p. 66).

Na esteira da produção desta forma de saber, a geração de Mia Couto, Ungulani Ba Ka Khosa e Paulina Chiziane irá promover uma verdadeira transgressão do idioma do colonizador lusitano, como bem chamou atenção José N. Ornelas (1996), ao tempo em que realizou uma guinada à prosa, ao contrário da geração de Craveirinha, que era composta majoritariamente por poetas. Desse modo, esses prosadores realizavam mesclas das línguas das sociedades africanas no idioma do colonizador, este que se tornou também a língua dos moçambicanos, angolanos e cabo-verdianos nesse processo de descolonização. Além disso,

---

<sup>2</sup> Ver mais sobre essa discussão em: MENDONÇA, F. “Literaturas emergentes: identidades e cânone”. In: RIBEIRO, M. C.; MENESES, M. P. **Moçambique: das palavras escritas**. Porto: Afrontamento, 2008.



essa geração terá destaque também por uma visão mais crítica a FRELIMO, desvencilhando-se de uma visão idílica que antes era predominante.<sup>3</sup>

Assim, nessa perspectiva dessa nova geração de escritores, *Terra Sonâmbula* não se trata de um romance histórico que tratará dos “grandes homens” que regiam o confronto “por cima”, tampouco dos soldados que se muniram de armas para disputar esse confronto. Couto apreende e representa o universo das “pessoas comuns”, construindo personagens como Tuahir, um senhor idoso que resgata o menino Muidinga (nome dado ao menino no momento em que foi adotado como “sobrinho” de Tuahir) de uma pilha de cadáveres ceifados pela guerra em meio ao campo de refugiados, passando a cuidar dele com os poucos recursos a qual dispõe. Ambos caminham sem rumo até encontrarem um ônibus incendiado, onde irão se abrigar ao longo da narrativa.

Muidinga, que não lembra de seu passado, encontrará uma caixa de cadernos escritas por uma outra importante personagem, denominado Kindzu, a qual o “miúdo” (como o velho Tuahir irá se referir a Muidinga ao longo da narrativa) irá ler cada um desses cadernos para seu companheiro, emergindo assim as experiências daqueles que sofriram com as dificuldades do confronto.

Assim, por meio dos personagens que surgem em meio a narrativa dos cadernos de Kindzu, Couto representa elementos de crítica e desmistificação dos rumos de Moçambique: funcionários da burocracia estatal são colocados como pessoas extremamente corruptas e que agem em nome de interesses pessoais. Além disso, emerge uma crítica ao exclusivismo racial imposto pela FRELIMO a outras etnias, como os indianos, portugueses e seus ascendentes, que tiveram grandes dificuldades mediante ao governo que assumiu o país no “pós-libertação”.

Em suma, a geração de escritores em que Couto está inserido vai um pouco mais além da construção de uma nação moçambicana por meio do arcabouço literário. O que vemos tanto em *Terra Sonâmbula* como em outras obras, tais como *Baladas de Amor ao Vento*, publicada em 1990 por Paulina Chiziane, tratando da questão de gênero em Moçambique, é um olhar crítico com relação a essa nação. De acordo com Hilary Owen (2008), muitas mulheres da FRELIMO se sentiram traídas quando, em 1989, o partido resolveu aceitar em seus quadros homens tradicionalistas que praticavam a poligamia. (OWEN, 2008, p. 167) O romance de Chiziane pode ser visto como uma crítica a esta situação, expondo por meio de

---

<sup>3</sup> Ver mais sobre essa discussão em: HAMILTON, R. G. “A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial.” *I Via Atlântica*. v.1, n.3, p. 12-22, 1999.



seu romance como tanto relações monogâmicas como poligâmicas acabam sendo precárias para a mulher moçambicana.

Em síntese, essa produção literária possui propõe desafios para a construção de uma nação que seja capaz de dar conta da complexidade que se encontra no âmago de seu território: unir respeito ao mosaico étnico com respeito a pessoa humana. Tal proposta encontra eco tanto na proposta de Chiziane, em suas críticas a condição da mulher em Moçambique, como em Couto, com a catarse que faz dos acontecimentos da Guerra Civil.

Utilizamos uma edição da obra *Terra Sonâmbula* da editora Companhia das Letras (17º reimpressão), que tem publicado as obras de Couto e outros escritores dos países africanos no Brasil, pertinente ao ano de 2007. De acordo com as informações fornecidas pela editora, fora mantida a grafia utilizada em Moçambique por Couto; a edição contém um glossário com palavras do universo moçambicano, em conformidade com aquilo que disse Ornelas (1996) sobre a transgressão da língua portuguesa.

### **Mia Couto o “biólogo prosador”**

Em uma conferência no “Ciclo Biologia da Noite”, ocorrida na Universidade de Aveiro em 2006, intitulada *Rios, cobras e camisas de dormir*, presente no livro *E se Obama fosse Africano? E outros ensaios*, Mia Couto (2011c) menciona que frequentemente é perguntado acerca de como conciliar o seu lado escritor e o lado biólogo, pergunta essa que denota que ambos se tratam de coisas completamente opostas, opinião a qual o moçambicano discorda. De acordo com ele:

“A verdade é que para mim não existe conflito. Pelo contrário, hoje não sei como poderia ser escritor caso eu não fosse biólogo. E vice-versa. Nenhuma das actividades me basta. O que me alimenta é o diálogo, a intersecção entre os dois saberes. O que me dá prazer é percorrer como um equilibrista essa linha de fronteira entre pensamento e sensibilidade, entre inteligência e intuição, entre poesia e saber científico. (COUTO, 2011b, p. 31)”

São saberes que, de acordo com a fala de Couto, não devem ser vistos como dicotômicos. O próprio fazer literário possui poder questionador acerca de questões da realidade, e sua obra é um bom exemplo disso. De *Terra Sonâmbula* e os contos que compõem o livro *Vozes Anoitecidas*, podemos evidenciar elementos não só produtores de uma historicidade, como também de representação de sujeitos históricos presentes nos confins rurais do país.



Seu primeiro romance é considerado um grande marco para a literatura moçambicana, consolidando Mia Couto como um “grande prosador”, nas palavras de José N. Ornelas (1996), com forte influência da literatura brasileira em seu fazer, sobretudo de Guimarães Rosa. Ornelas aponta que na confecção deste romance, Couto tentou se abster de realizar “uma literatura panfletária”. No entanto, de acordo com o autor mencionado, é evidente o tom de crítica e ironia trazido à tona, representando assim um “fim utilitário”. (ORNELAS, 1996, p. 43)

Couto cursou Biologia em 1985, quando retornou à universidade em Maputo, havia abandonado o curso de Medicina em 1974 a fim de apoiar a FRELIMO como jornalista militante a serviço do partido. Esse ofício que como já afirmado por Paiani, possibilitou que viajasse o país, apreendendo assim parte da experiência dos moradores do campo e, dessa forma, materializando isso em forma de representações em seus contos e nos romances que foram publicados.

Atualmente o ofício de biólogo continua a ajudá-lo na composição de suas obras: as viagens feitas através dos projetos de conservação ambiental a qual participa possibilitam a manutenção do contato com essas mesmas populações que possibilitaram a ele a escrita de seus primeiros contos. Em uma fala proferida na Conferência Internacional de Literatura, em Estocolmo em 2008, intitulada *Línguas que não sabemos*, também presente no livro *E se Obama fosse africano? E outros ensaios Couto* (2011a) faz a seguinte afirmação:

Sou biólogo e viajo muito pela savana do meu país. Nessas regiões encontro gente que não sabe ler livros. Mas que sabe ler o seu mundo. Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto. Não sei ler sinais da terra, das árvores e dos bichos. Não sei ler nuvens, nem o prenúncio das chuvas. Não sei falar com os mortos, perdi contacto com os antepassados que nos concedem o sentido da eternidade. Nessas visitas que faço à savana, vou aprendendo sensibilidades que me ajudam a sair de mim e a afastar-me das minhas certezas. Nesse território, eu não tenho apenas sonhos. Eu sou sonhável.” (COUTO, 2011a, p. 9-10)

De acordo com a fala de Couto, percebemos claramente uma sensibilidade com esse “mosaico étnico” que compõe Moçambique, de povos que possuem outros saberes que simplesmente fogem aos padrões racionalistas europeus. Embora a todo momento ele ressalte do lugar da qual está falando, um homem branco (vivendo em um país de poucos brancos), de pai e mãe oriundos de Portugal e possuidor do português como língua materna (em um país onde poucos a tem como língua materna). Trata-se de um sujeito híbrido, de acordo com Josilene Campos (2009), ao evocar uma fala de Couto para o livro “Vozes Moçambicanas” de



Patrick Chabal, em que ele reforça a influência tanto lusitana como moçambicana como sua formadora. (COUTO, 2007, p. 93 apud CAMPOS, 2009, p. 74)

Nascido em Beira em 1955, cidade localizada ao sul de Moçambique, Couto teve contato desde cedo com a violência que o colonialismo português representava através de uma forte segregação racial imposta pela ditadura de Salazar, em Portugal. De acordo com Campos (2009), é nesse ambiente extremamente violento e injusto que o pensamento de Couto é gestado, culminando com sua aliança à FRELIMO em sua empreitada rumo à independência política de Moçambique (CAMPOS, 2009, p. 69).

Essa proximidade foi tamanha com a FRELIMO que, ainda de acordo com as informações fornecidas sobre Couto pela autora, ele é um dos componentes do Hino Nacional Moçambicano. No entanto, ela aponta, através de entrevistas concedidas por ele, que essa afinidade foi se rompendo com o tempo, por discordância de atitudes tomadas pelo partido, embora aponte, segundo ela, ainda um certo respeito pelo legado anticolonial, revolucionário e marxista desempenhado pelo partido na luta contra os lusitanos e em prol de uma sociedade mais igualitária (CAMPOS, 2009, p. 71). As críticas de Couto, ainda que implícitas, se direcionam justamente para o desvio que as práticas se deram dos discursos.

Em uma intervenção proferida no ISCTEM, em Maputo no ano de 2006, intitulada *Os sete sapatos sujos*, que também se encontra no livro *E se Obama fosse africano? E outros ensaios* Couto (2011b) coloca como o primeiro sapato sujo a ser desfeito a ideia de querer negar parte da culpa dos problemas dos países africanos a sua própria elite política. De acordo com ele os países africanos passam por um: “Os culpados estão, à partida, encontrados: são os outros, os da outra etnia, os da outra raça, os da outra geografia” (COUTO, 2011b, p. 17). Sem negar a responsabilidade dos portugueses, Couto, no entanto parte para uma visão menos simplista em que os próprios moçambicanos possuem parte da culpa de questões que a eles são internas. Aí entra seu fazer literário: trata-se de uma autocrítica, uma “exorcização de demônios” de uma sociedade que matou milhares de pessoas sem precisar mais da ajuda do colonizador português.

O ato de assumir responsabilidade pelos próprios erros, é para Couto, conforme a sua fala supracitada, um elemento fundamental para superar problemas como pobreza, infraestrutura precária e corrupção presentes ainda na contemporaneidade nos países africanos. Ainda segundo ele: “Acusamos os europeus de roubar e pilhar os recursos naturais de África. Mas eu pergunto-vos: digam-me, quem está a convidar os europeus para assim procederem, não somos nós?” (COUTO, 2006, p. 18)



### Tristes metáforas de uma guerra civil

No contexto da década de 1950 e 1960, grande parte das antigas possessões europeias no continente africano já haviam se tornado independentes, caracterizando uma contestação iniciada após as duas guerras mundiais, de extrema importância para a contribuição de um sentimento de libertação nesses povos. (HOBBSAWM, 1990) De acordo com Campos (2009), foi durante a década de 1960 que as mobilizações em torno das possessões portuguesas em África ganharam consistência contra o Terceiro Império português sob o regime ditatorial de Salazar.

Em Moçambique, por exemplo, de acordo com a autora supracitada, houve a atuação de organizações como o Centro Associativo dos Negros de Lourenço Marques e o Núcleo de Estudantes Secundários de Moçambique. Integrado a esses, há uma mobilização de estudantes que faziam parte da Casa dos Estudantes do Império: moçambicanos que foram estudar na Europa sob autorização do governo português. Unidos a esses contestadores estavam também outros países africanos que já haviam se tornado independentes, além da intelectualidade europeia de uma forma mais ampla; não se pode desconsiderar que é na década de 1960 que jovens franceses vão as ruas no chamado “maio de 68”.

É na mobilização ocorrida no exterior que surgirá a FRELIMO, criada na década de 1960 na Tanzânia, sob apoio do então presidente Julius Nyerere que convidou para a liderança do grupo, o moçambicano Eduardo Mondlane. O grande mérito deste grupo será a sua capacidade de unir diversas dessas organizações formadas no exterior, como a União Democrática Nacional de Moçambique - UDENAMO, a *Mozambique African National Union* – MANU, a União Africana de Moçambique Independente - UNAMI e a já mencionada Casa dos Estudantes do Império em torno do ideal da libertação colonial.

Por meio da tática de guerrilha, cujo treinamento foi realizado na Tanzânia, será possível a vitória da Frente mediante ao colonizador português. Esta, vale lembrar, assumirá caráter marxista em contexto de Guerra Fria, marcado por forte oposição dos Estados Unidos enquanto potência, a esses processos de independência tardios, buscando assim alianças com a União Soviética a exemplo do MPLA em Angola. Os Estados Unidos e seus aliados buscavam não ir contra as “especificidades de Portugal”, que levaram a manutenção de suas colônias por um período mais alargado se comparado ao caso francês e britânico por exemplo. (CAMPOS, 2009, p. 42)





Porém, no momento em que a Guerra de Libertação é ganha e a FRELIMO sobe ao poder como partido único, suas medidas governamentais geraram insatisfações em setores que se congregaram na RENAMO, de caráter conservador e anticomunista. Esse grupo terá forte apoio da África do Sul e da Rodésia do Sul, devido a interferência do governo moçambicano em questões domésticas nesses países referentes a seus regimes de segregação racial.

Unido a isso, de acordo com Campos (2009) a política adotada logo no início da instituição do governo de partido único de oposição aos “costumes tradicionais” do “mosaico étnico” vigente no país, acarretará o apoio destes a RENAMO. A orientação marxista da FRELIMO via esses costumes como “atrasados”, e que impediam, desse modo, o progresso do país. Ambos irão partir para o embate em uma guerra que se concentrará sobretudo no interior do país que, naquele contexto, embora a atual Maputo (capital do país) e Beira constituíssem grandes centros urbanos, ainda estávamos falando de um país majoritariamente rural.

É esse o pano de fundo de atuação de Couto como jornalista e literato: uma sangrenta guerra civil que ceifou a vida de milhares de seres humanos. Seu primeiro romance, *Terra Sonâmbula*, possui fortes vestígios de descontentamento de um Couto que mergulhou nos ideais da FRELIMO, mas que presenciou violência e injustiça nos anos que seguiram às utopias de libertação em torno de 1975.

Como já evocado aqui, Muidinga e Tuahir encontram uma mala próxima ao ônibus carbonizado a qual vão se abrigar, contendo cadernos escritos por um rapaz chamado Kindzu. O primeiro foi nomeado assim por Tuahir, quando foi resgatado sem memória em meio a um monte de cadáveres em um dos campos de refugiados. Segundo Campos (2009) a ausência de memória apresentada por Muidinga é uma clara metáfora ao esquecimento com relação ao confronto por parte dos moçambicanos na contemporaneidade. (CAMPOS, 2009, p. 88)

Com relação ao primeiro caderno de Kindzu, Mia Couto constrói uma metáfora em torno da data 25 de junho, dia em que, no ano de 1975, Moçambique havia finalmente se libertado da opressão colonial portuguesa. O pai de Kindzu, em clima de euforia, resolve nomear seu filho mais novo como Vinticinco de Junho que, de acordo com o narrador, por se tratar de um nome grande, levou com que chamassem o menino apenas por Junhito. (COUTO, 2007, p. 17). Na sequência da narrativa de Couto, logo após o ato de nomeação de Junhito que, segundo o narrador, nada mais nasceria do ventre a qual ele saiu, a guerra civil se instaura por Moçambique:

O tempo passeava com mansas lentidões quando chegou a guerra. Meu pai dizia que era confusão vinda de fora, trazida por aqueles que tinham perdido



seus privilégios. No princípio, só escutávamos as vagas novidades, acontecidas de longe. Depois, os tiros foram chegando mais perto e o sangue foi enchendo nossos medos. (COUTO, 2007, p. 17)

Percebemos na voz do narrador como a guerra civil ia se aproximando, pouco a pouco, daquele ambiente interiorano de Moçambique. E, conforme isso ocorria, a violência, as mortes e as dificuldades de se conseguir alimento vinham junto a ela. Uma clara denúncia da crueldade desse confronto e de como ele afetou a vida das “pessoas comuns”, que estão distantes dos discursos da “história oficial”.

Quando a guerra se aproxima efetivamente da casa da família de Kindzu é que, após um sonho de seu pai, em que o mesmo havia previsto a morte de um dos membros da família, se resolve esconder Vinticinco de Junho no galinheiro. Fantasiado como uma galinha, ele é ensinado a agir feito o animal, para que “os bandos” não o levassem pois, segundo as informações contidas na narrativa, a galinha era um animal que despertava pouco interesse. Em conformidade com o elemento do esquecimento, Muidinga, que leu esse caderno para o velho Tuahir, indaga se ele mesmo não é Junhito, em uma clara metáfora de como os sonhos do 25 de junho estavam sendo desfigurados, renomeados e esquecidos.

Pouco a pouco a criança que levava a data da libertação colonial moçambicana ia se esvaindo da memória daquela família, mostrando o claro desencanto que aquele confronto simbolizava para aqueles que o vivenciaram. A aparente morte da esperança, sentimento este que veio com o fim da subordinação política a Lisboa e a possibilidade de que Moçambique pudesse seguir seus próprios rumos.

Assim, Junhito era alimentado com as sobras da família, mas o que seriam essas sobras? O narrador as caracterizava como as sobras de restos de migalhas a qual aquelas pessoas estavam sujeitas: “(...) dos nadas de nossos pratos, afinal, sempre restava uma qualquer coisinha” (COUTO, 2007, p. 19). Em migalha em migalha em migalha, a metáfora do 25 de junho era alimentada, até desaparecer completamente em uma determinada noite, conforme a guerra civil adentrava ainda mais no cotidiano das famílias representada pela de Kindzu.

Muitas foram as teorias levantadas em torno do desaparecimento de Junhito, uma delas foi que seu próprio pai, após uma noite de “bebedeiras”, confundiu seu filho e o matou, outros chegaram a cogitar que ele fora roubado por aqueles que estavam famintos pela escassez de comida provocada pela guerra. Diversas indagações são feitas com um único propósito: refletir em torno da responsabilidade dos próprios moçambicanos na morte de milhares de pessoas em uma guerra de caráter fraticida. Aqueles que “pariram” essa



independência se encontram recebendo um questionamento se são eles os reais responsáveis de sua morte.

Com o desaparecimento de Junhito, pouco a pouco o núcleo familiar de Kindzu vai se desfazendo. Seu pai caiu em desgraça nas “bebedeiras”, a ponto de vir a definhando e falecer. Restava assim somente Kindzu, o único filho sobrevivente. O ambiente em que se encontravam pouco a pouco ia se tornando cada vez mais desolado com o decorrer da guerra:

A guerra crescia e tirava dali a maior parte dos habitantes. Mesmo na vila, sede do distrito, as casas de cimento estavam agora vazias. As paredes, cheias de buracos de balas, semelhavam a pele de um leproso. Os bandos disparavam contra as casas como se elas lhe trouxessem raiva. Quem sabe alvejassem não as casas, mas o tempo, esse tempo trouxera o cimento e as residências que duravam mais que a vida dos homens. (COUTO, 2007, p. 23)

Com relação às casas de cimento, de acordo com Flávia Paiani (2013b), era o tipo de residência onde no geral os colonos descendentes de portugueses residiam em Moçambique. Ela analisará esse elemento em uma obra posterior de Couto, Vinte e Zinco (1999), no qual os negros, que habitavam residências feitas de madeira e zinco são representados como possuidores de um sentimento de injustiça frente aos brancos que habitavam as melhores (PAINANI, 2013b, p. 214). Esse ataque já narrado em Terra Sonâmbula expõe, através de um jogo de palavras, como uma guerra destrói até mesmo elementos que se mostravam imbatíveis: os resquícios da violência colonial, simbolizado por aqueles que podiam dormir em casas melhores em detrimento de uma maioria que não dispunha disso.

Exclusivismo racial e corrupção são outros pontos que literatura de Couto irá atacar, de maneira corajosa, nesse romance. Com relação ao primeiro, é importante atentar para a forte presença de indianos na região que compreende desde a África do Sul à Moçambique, mas que com relação ao segundo território, já remetia até mesmo antes aos contatos com os lusitanos na região no século XVI. De acordo com David Brookshaw (2008), esses contatos eram intensos a ponto do Vice-Reino de Goa, localizado na Índia, que possuía jurisdição sob os territórios na atual República de Moçambique (BROOKSHAW, 2008, p. 131).

Essa presença indiana se manterá forte na região até o século XX, quando, no contexto de independência, muitos migraram para Portugal temendo retaliações devido a orientação marxista da FRELIMO, no entanto alguns permaneceram. Segundo Brookshaw (2008), eles eram considerados inimigos da revolução socialista, pois estavam associados, pois historicamente detinham o predomínio comercial na região, ao lucro. (BROOKSHAW, 2008, p. 131-132).



Surentra Valá, o indiano da narrativa, é comerciante amigo de Kindzu, que no caderno de número seis, quando retorna a vila de Matimati (um dos destinos de suas andanças após se separar de sua mãe) o reencontra neste local. Completamente aéreo e “alienado”, quase que em estado vegetativo, como a narrativa assim o descreve, o indiano encontra-se em aliança com Assane, secretário do administrador local, mantendo-o residindo em sua casa.

O secretário do administrador é representado como alguém completamente corrupto que, aproveitando-se da condição de segunda categoria a qual os indianos estavam sujeitos na atual conjuntura, se aproveitará do capital de Surendra: “(...) Ele é que tinha os tacos mas era preciso um nacional para ficar à frente do estabelecimento”. (COUTO, 2007, p. 112) Em outro trecho, Assane afirma que passado um ano iria “nacionalizar” todo o negócio, um claro aproveitamento para com o indiano.

Logo em seguida, ainda no mesmo caderno, Assane expõe para Kindzu a posse de um tanque blindado em estado pouco deteriorado. A personagem então indaga: “É meu biznés, esse. Ninguém suspeita, ninguém pode imaginar, ninguém pode roubar. Se falhar a loja, já tenho outra garantia”. (COUTO, 2007, p. 113). De acordo com o narrador, esse blindado seria fruto do capital acumulado durante o tempo de serviço de Assane na administração, mostrando claramente que em meio àquele violento confronto entre FRELIMO e RENAMO, pessoas desonestas como Assane estavam buscando meios de obter ganhos.

Kindzu certa vez relembra as palavras de Surendra quando estava lúcido, quando este apontara que: “(...) tinha de haver guerra, tinha de haver morte. E tudo para quê? Para autorizar o roubo”. (COUTO, 2007, p. 104). Estamos cientes das fronteiras bastante claras estabelecidas entre a história e a literatura: embora se trate de um relato ficcional, é de extrema importância analisar esses personagens como infelizes metáforas de sonhos despedaçados.

A única luz em meio a essa escuridão, assim poderíamos pontuar, é Kindzu, que ao sair de sua casa, após o desaparecimento de Junhito, sonhava em se tornar um naparama, heróis de caráter lendário que salvavam as pessoas em meio aos horrores da guerra de Moçambique. Esse objetivo sofre um breve desvio quando conhece Farida, direcionando-o para um igualmente nobre objetivo: a busca por Gaspar, seu filho desaparecido. A presença desse personagem muito provavelmente sinalize uma mensagem de Couto que, embora esteja criticando toda aquela realidade dura, ainda haja alguma esperança a qual deve-se apegar.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos evidenciar o poder que a obra *Terra Sonâmbula*, publicada em 1992 por Antônio Emílio Leite Couto possui de produzir historicidades e um viés crítico (dentro de uma perspectiva de um “saber descolonizado”) acerca de uma memória que se pretendia esquecer, a da sangrenta guerra civil ocorrida entre 1976 e 1992. Com relação a seu caráter de historicidade, podemos evidenciar representações acerca de “pessoas comuns” que sofreram com a guerra, caso de Kindzu, Muidinga e Tuahir, para além de uma literatura que contemplasse os envolvidos diretamente no confronto bélico.

A crítica emerge na exposição dos elementos de violência, privação e corrupção, esta praticada pelos membros do próprio governo da FRELIMO, simbolizando com isso um desvio do discurso revolucionário das práticas. Esse aspecto se associa ao chamado exclusivismo racial, em que aqueles ligados ao governo se sentiam no direito de se aproveitar dos bens de indianos, portugueses e seus descendentes que permaneceram em Moçambique. Chegamos a conclusão, com base nas proposições de Sevcenko (1999) de que a literatura é um discurso de onde as tensões sociais emergem e integradas à realidade, a qual Chartier (2011) defende que as representações a ela não são algo dicotômico, mas sim relacional.



## REFERÊNCIAS

- BROOKSHAW, D. “**Indianos e o Índico**: o pós-colonialismo transoceânico e a internacional em O Outro Pé da Sereia, de Mia Couto”. In: RIBEIRO, M. C.; MENESES, M. P. (Orgs) **Moçambique**: das palavras escritas. Porto: Ed. Afrontamento, 2008.
- CAMPOS, J. S. “A historicidade das literaturas de língua oficial portuguesa. In: **Seminário de pesquisa da pós-graduação em História-UFG/UCG**, 2008, Goiânia/GO. Anais do I seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em HistóriaUGV/UCG, 2008.
- \_\_\_\_\_. **As representações da guerra civil e a construção da nação moçambicana de Mia Couto (1992-2000)**. 2009. 174 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, 2009.
- CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. In: **Fronteiras**, v.13, n. 24, p. 15-29, 2011.
- COUTO, M. “Línguas que não sabíamos que sabemos”. In: COUTO, M. **E se Obama fosse africano? E outras intervenções**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011a.
- \_\_\_\_\_. “Os sete sapatos sujos”. In: COUTO, M. **E se Obama fosse africano? E outras intervenções**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011b.
- \_\_\_\_\_. “Rios, cobras e camisas de dormir”. In: Couto, M. **E se Obama fosse africano? E outras intervenções**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011c.
- \_\_\_\_\_. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2007.
- OWEN, H. “A auto-etnografia do feminino em *Balada de Amor ao Vento* de Pauline Chiziane.” In: RIBEIRO, M. C.; MENESES, M. P. (Orgs). **Moçambique**: das palavras escritas. Porto: Ed. Afrontamento, 2008.
- HAMILTON, R. G. “A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial.” **I Via Atlântica**. v.1, n.3, p. 12-22, 1999.
- HOBBSAWM, E. J. **Era dos Extremos**: o breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1995.
- MENDONÇA, F. “Literaturas emergentes: identidades e cânone”. In: RIBEIRO, M. C.; MENESES, M. P. **Moçambique**: das palavras escritas. Porto: Afrontamento, 2008.
- ORNELAS, J. N. “Mia Couto no Contexto da Literatura Pós-colonial de Moçambique”. In: **LusoBrazilian Review**, v.33, n.2, p. 37-52, 1996.
- PRATT, M. L. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Ed. EDUSC, 1999.



PAIANI, F. R. M. **A escrita da história de Moçambique no romance *Terra Sonâmbula de Mia Couto***. 2013. 109 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2013a.

\_\_\_\_\_. “A escrita da história em *Terra Sonâmbula* de Mia Couto”. In: **Revista História da Historiografia**, v.13, n.13, p. 204-218, 2013b.

SANTOS, G. A. **Reino de Gaza: o desafio português na ocupação do sul de Moçambique (1821-1897)**. 2007. 201 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2007.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SOUZA, F. B.; MORTARI, C. **Histórias africanas e afro-brasileiras: ensino, questões e perspectivas**. Tubarão: Ed. Copiart, 2016.